Ano XVII — Lisboa, Maio de 1961 — N.º 193

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 2$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

# HORA DE LUTA



FOI Ernesto Renan quem uma vez disse que «neste mundo apenas o egoísmo é recompensado». Não obstante as afirmações deste jaez, cruas e desassombradas, serem propícias a ganhar detractores, o certo é que a maneira como se está desenvolvendo a vida correntia, dá consecutivamente motivos a que se pense da mesma forma que o erudito escritor francês, embora sem a subtileza, talvez, que verificamos na expressão atrás transcrita.

O egoísmo, viciação ou empolamento do instinto de autoconservação próprio da espécie humana, não é sentimento defensável, porque é um agente de instabilidade na vida social. De manifestações vincadamente deletérias, caracteriza-se em especial pela injustiça que se nota na sua actuação. Para ele nada existe que se possa traduzir por consideração pelos direitos de outrem, ou por comiseração ou condescendência quanto às pretensões do semelhante. O egoísta é, em última análise, um ser falho de discernimento, fechado a qualquer benéfica influência exterior. Se carece de maleabilidade para ajustar os seus interesses aos dos outros, sobra-lhe, em contrapartida, o sentido acomodatício, de que usa e abusa, sempre com o intuito de pôr a resguardo os seus proveitos.

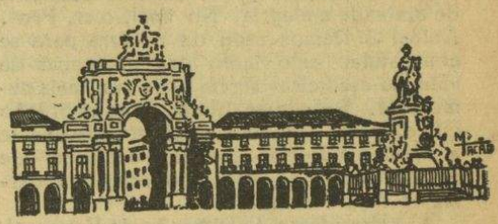
Sendo assim, é inútil julgar que alguém, colhido por tão danosa disposição, esteja em condições de ponderar com critério um problema e encontrar-lhe a solução adequada com efeitos a longo prazo. O egoísta pode alcançar a prosperidade momentânea, contudo é incapaz de usar de esclarecida prudência para criar as condições indispensáveis que garantam essa fortuna no futuro.

Hoje, mais do que em qualquer outra época da História, a virulência do egoísmo revela todas as nefastas consequências. Mais do que nunca, os ideais da cooperação entre os homens mostrariam a sua pertinência e objectividade, assim como a necessidade de inculcar nas relações humanas estes propósitos de concórdia e de auxílio se torna tão ingente que a ausência de tais sentimentos entre os homens põe em jogo — não é loucura pensar assim — a sobrevivência da civilização na Terra.

Um jovem estadista—John Kennedy—que há alguns meses apenas se encontra à frente duma grande nação, os Estados Unidos da América do Norte, teve ocasião, no discurso que proferiu no momento da posse de tão importantes funções, de aludir ao papel fundamental que a colaboração entre os homens vai representar na era em cujo limiar nos encontramos. O presidente americano não ocultou que, aos poderosos, aos que dispõem de meios de acção de invulgares proporções, cabe a grande responsabilidade da arquitectura desse futuro que desejamos esteja próximo. No entanto, ao afirmar que «se a sociedade livre não puder auxiliar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos» deu um aviso notável das consequências desastrosas que sobrevirão do facto desses ideais de colaboração virem a ser esquecidos ou escorraçados.

Sendo o egoísta, por natureza, um indivíduo normalmente de escassa lucidez, importa empregar todo o esforço de persuasão no sentido de o esclarecer e de lhe dar o convencimento de que essa forma de agir é um logro, não só para a Humanidade, como também para os próprios objectivos que pretende alcançar. Portanto, a todos os que, de qualquer modo, estiverem colocados em posição favorável para exercer influência no meio onde actuam, tais sejam os homens de estado, profes-

(Conclui na página 2)



## O ESCOTISMO NA CAPITAL

### DIA DE S. JORGE

Para comemorar o dia de S. Jorge, patrono do Escotismo, a Região Centro realizou, no passado dia 23 de Abril, uma interessante actividade, que teve início no Castelo de S. Jorge, onde o Director do nosso jornal, numa interessante e original conversa com os escoteiros, evocou aquele símbolo do BEM, convidando todos os presentes à prática das virtudes escoteiras e ao cumprimento da LEI.

Seguiu-se um «Grande jogo» inter-patrulhas, que deu aos escoteiros a oportunidade de porem em prática os seus predicados de observação e dedução e os ensinamentos colhidos durante as longas reuniões do inverno.

O jogo principiou no próprio Castelo de S. Jorge, onde as patrulhas tiveram que procurar um «mensageiro», a partir de alguns sinais característicos que lhes foram indicados.

As patrulhas deram todas muito boa conta de si nesta parte do jogo, pois conseguiram identificar o mensageiro antes do limite máximo do tempo (20 minutos) apesar da descrição daquele ter sido feita uma só vez e verbalmente e da existência de dois «inimigos» que fàcilmente se confundiam com o «mensageiro» pelo uso de iguais objectos de identificação.

Em prosseguimento do jogo, os escoteiros tiveram que procurar determinado momento e dele fazer um desenho esboçado e narrar um facto histórico que se lhe relacionasse.

Como objectivo principal do jogo, as patrulhas tiveram que praticar uma boa acção colectiva. Tiveram ainda que conseguir três folhas de árvores com determinadas características e decifrar uma mensagem em homógrafo.

O jogo terminou em Montes Claros, onde os escoteiros passaram o resto da tarde em alegre e sã camaradagem, na disputa renhida de diversos jogos de agilidade, ligeireza e força.

Estiveram presentes 50 escoteiros, resentando os grupos n.os 1, 8, 10, 14, 79 e 94.

No «grande jogo» colaboraram alguns antigos escoteiros, que seguiram com muito interesse a actividade das patrulhas.

Por seu lado, os escoteiros gostaram da presença dos «antigos» no seu jogo, o que serviu, de certo modo, de estímulo.

M. G.

(Conclui na página 2)

# ANTIGOS ESCOTEIROS

## DIA DO ESCOTEIRO

A Fraternal continua a realizar normalmente os seus encontros do dia 23 de cada mês. Em Abril passado, comemorando o dia de S. Jorge que, felizmente, caiu num Domingo, os Antigos Escoteiros e suas famílias reuniram-se num restaurante da Costa da Caparica.

Compareceu um bom número de convivas e o repasto decorreu num ambiente de amizade e alegria. No final, o sr. Prof. Aníbal G. Ramos usou da palavra para se congratular pelo facto das presenças da «família escoteira» serem cada vez mais numerosas. Referiu-se ainda à colaboração que diversos «antigos» estavam activamente a prestar à Região Centro e declarou que era necessário que essa cooperação se afirmasse cada vez mais.

O Presidente da Direcção da Fraternal, Sr. Dr. Eugénio H. Ramos, agradeceu a presença de todos, fazendo votos de muitas felicidades. Os oradores referiram-se ainda ao significado do dia de S. Jorge e aos ideais do Escotismo.

## REUNIÕES DE TERTÚLIA

Como é já tradicional, os Antigos Escoteiros encontram-se em tertúlia no dia 23 de cada mês num restaurante da Rua de S. Paulo, 170. Até há pouco tempo, esse encontro realizava-se por ocasião do almoço. No entanto, como muitos Antigos Escoteiros não podiam participar na Tertúlia porque trabalhavam em locais distantes e a curta hora de intervalo não permitia a sua deslocação, a Fraternal resolveu que o encontro se fizesse por ocasião do jantar.

Assim, ao dia 23 de cada mês, naquele Restaurante, estarão depois das 19.30 os Antigos Escoteiros. Esta mudança oferece oportunidade para que as famílias participem na Tertúlia e permite que se disponha de mais tempo para confraternização.

## EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

Um grupo de amigos deste nosso dedicado colaborador e antigo escoteiro, constituiu-se em Comissão e resolveu promover um jantar comemorativo das Bodas de Prata de Ribeiro Nunes como jornalista.

Esse jantar realizou-se num restaurante da capital no dia 6 do corrente, tendo reunido um grande número de amigos daquele nosso companheiro, que puseram em destaque a acção desenvolvida na Imprensa por Ribeiro Nunes através dos 25 anos de dedicada actividade. Presidiu o Sr. Jaime Franco, da Federação das Colectividades de Recreio. Encontravam-se presentes os antigos escoteiros Srs. Rui Santos, Luís Simões Aurélio, John Westwood, Fausto Sacadura e o Corpo Directivo do «Sempre Pronto».

Entre os que usaram da palavra contaram-se os Srs. Custódio Baptista Vieira, director do «Ecos de Belém»; Alves Gago, director da «Gazeta do Sul»; Carlos Matias Arsénio, do Boletim da Companhia dos Telefones; e o nosso Director. Todos eles enalteceram a dedicação de Ribeiro Nunes a tantas causas nobres, especialmente ao Escotismo, Bombeiros, Casa dos Rapazes da Cidade e Agremiações Populares. O nosso Director afirmou que o homenageado entrara nessa dedicada vida social pela porta do Escotismo, referiu-se ao Sr. Rui Santos, que fora o seu primeiro Escoteiro-Chefe, acrescentando que o Escotismo desenvolve o espírito de iniciativa e o companheirismo. Que Ribeiro Nunes aproveitara do Escotismo não havia menor dúvida porque tem sido um bom companheiro, como provava a presença de tantos amigos.

A Ribeiro Nunes foi entregue uma salva de prata gravada, tendo o presidente da mesa feito o elogio do homenageado, que agradeceu comovido a homenagem que lhe era prestada, endereçando para sua Esposa uma salva de palmas em louvor à dedicada colaboração que nela tem sempre encontrado como sua dedicada companheira.



Antigos Escoteiros e suas famílias reunidos na Costa da Caparica

# HORA DE LUTA

*(Conclusão da página 1)*

sores, educadores e assistentes religiosos, cabe-lhes a missão de inegável relevância e de proveitosa oportunidade de inculcar nos seus discípulos, com o ensino e, sobretudo, com o exemplo, aqueles princípios que podem e devem contribuir para elevar as relações humanas a um nível tolerável, capaz de afastar esta ameaça latente de desagregação que impende sobre a sociedade humana.

Estes ideais, de tão dolorosa actualidade, obrigam-nos a olhar com enorme simpatia e admiração os dirigentes dos grupos de escoteiros, os quais, tantas vezes espezinhando os próprios interesses, põem ao serviço do Escotismo—ao serviço da educação da juventude, diríamos melhor—toda a boa vontade, todo o saber, toda a dedicação.

E nesta hora grave, em que de minuto a minuto crescem as apreensões perante o avolumar da confusão e do desentendimento, não se pode calcular com justeza o valor e os resultados de ensinar a um punhado de adolescentes que é indispensável praticar, todos os dias, nem que seja uma única boa acção!

É nestes pormenores, de que talvez não se apercebam os mais desprevenidos, é com estas subtis inspirações de tão insinuante beleza moral, que o movimento de B.-P. mostra todo o esplendor do seu extraordinário poder educativo e a irrecusável oportunidade que o transformam numa admirável escola de homens de boa vontade, homens capazes de construir um mundo de paz sã e de verdadeira prosperidade.

JOEL RIBEIRO

# O ESCOTISMO NA CAPITAL

*(Conclusão da página 1)*

## GRUPOS EVANGÉLICOS DE LISBOA

Os Grupos n.os 8, 10, 14 e 94, promoveram em 30 de Abril passado um grande jogo — O Contrabando dos Diamantes — que decorreu animadamente na Serra de Monsanto.

Nesta actividade estiveram presentes 5 patrulhas de escoteiros e exploradores. Durante a tarde, foi ministrada instrução em separada para os dois sectores.

## 49.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 1

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal, que se encontra presentemente com um interessante efectivo e muito activa, comemorou durante o mês de Abril o 49.º aniversário da sua fundação.

No dia 9, ofereceu um chá de confraternização aos antigos e actuais escoteiros do grupo, no qual participaram também suas famílias e sócios auxiliares.

No dia 16, efectuou uma sessão solene, durante a qual os escoteiros apresentaram um alegre programa de recitativos, episódios e canções. Prestaram compromisso de honra novos escoteiros, que transitaram da Divisão Lobito, e fizeram promessa novos lobitos.

Assistiram a esta festa escoteiros dos Grupos 8 e 79, bem como o representante da Fraternal dos Antigos Escoteiros, Sr. Alfredo Gallis, antigo membro do grupo.

Nos dias 29 e 30 efectuou-se um acampamento e no dia 7 do corrente um almoço de confraternização dedicado aos escoteiros do grupo.

OS LIVROS ESCOTEIROS
de edição
DO «SEMPRE PRONTO»
Estão à venda na
LIVRARIA ALEGRIA
*Rua da Prata, 156 — LISBOA*

# CARTA DE TIMOR

Aproveitando um mês de licença, fui a Bobonaro, a mais vasta circunscrição de Timor, que se alonga até à fronteira com o território indonésio. A sua área vai da costa norte à sul, aqui conhecida pelo nome de contra-costa, e abrange, além da sede, onze postos administrativos — Atabaí, Balibó, Cailaco, Fato-Lulic, Fato-Mêan; Fohorém, Lolotoi, Maliana, Mape, Suai e Tilomar.

Naquela circunscrição, encontram-se as paisagens mais díspares: culturas em socalco, semelhando as vinhas nas encostas rudes das serranias do Douro; o capim infindável, onde pastam rebanhos nédios; lagoas lamacentas onde chafurdam búfalos pesadões; tufos de sisal bordando as estradas ou contorcendo-se sobre as rochas; bosques de casuarinas; nascentes de água a ferver, exalando o característico fétido do ácido sulfúrico; searas de milho; várzeas de arroz, semelhando ondas verdes encrespadas pela aragem macia. Aqui ergue-se uma árvore de sândalo, hoje quase raridade, outrora motivo de importante tráfico. Ali, afunda-se na escudirão da terra um poço de nafta. Acolá, coqueiros recortam no espaço o seu perfil esbelto.

Em Bobonaro, vê-se o quartel do garboso esquadrão de cavalaria, de soldados timorenses — todo o nativo é primoroso cavaleiro; em Suai, existe um aeródromo; em Maliana, ergue-se a missão católica, belo edifício junto do qual crescem centenas de bananeiras e, mais longe, searas imensas de milho e arroz, que asseguram a alimentação dos garotos da escola.

Nos vales e, trepando as encostas, pousam pequenos povoados de habitações, umas cilíndricas e rentes ao solo; outras rectangulares e elevadas sobre prumos, como no leste.

Veados, em manadas, correm entre o capim.

Eis, a largos traços, Bobonaro, onde os nativos falam vários dialetos — o quêmaque, o búnaque, o becais, o tétum—e donde se descortina, na sede, em dias claros, o pico acerado do Tata-Mai-Lau, orgulhoso dos seus quase três quilómetros de altura que lhe dão jus a considerar-se a montanha mais alta do mundo português. Às vezes, o pico — o *avô dos montes*, como lhe chama o nativo — encontra-se revestido de uma gaze diáfana. Encostados às terras de Bobonaro, no sopé de altas montanhas, estendem-se as terras lealíssimas de Suro, em cujo posto, chamado Hato-Udo, caíram bravamente, lutando braço a braço, desarmados, com os tredos nipónicos, D. Aleixo Corte Real — o Nai Sesso da campanha de 1912 —, seu irmão Nai Chico, e filhos. Para o longe, para lá de montanhas sem fim, de formas contorcidas demonstrando o trabalho ciclópico dos tempos, confunde-se no azul do céu, cristalino e límpido, o azul, quase verde, do oceano da contra-costa.

A bandeira nacional ergue-se. Os timorenses perfilam-se ao toque do clarim. A emoção toma-nos, ao ouvir a muitos milhares de léguas da Metrópole, na melada pronúncia nativa, o hino nacional, entoado pelos soldados de cavalaria, plenos de espírito militar, aprumados nas fardas de zuarte.

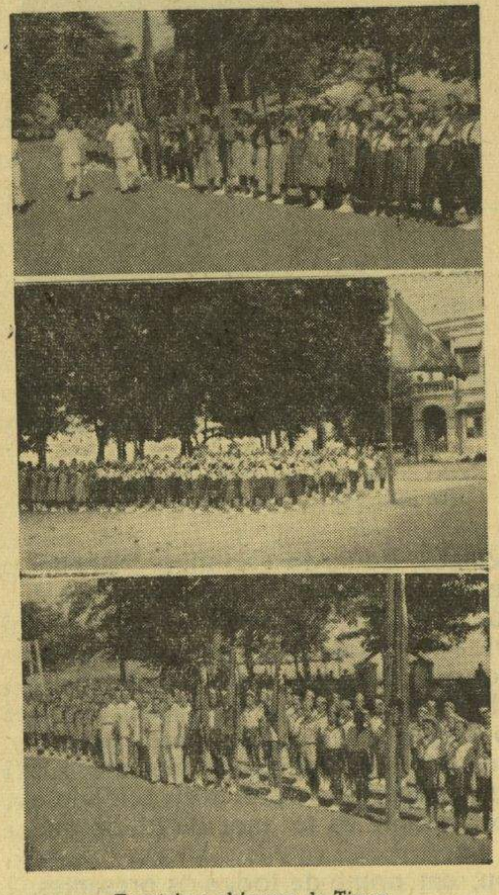
Homens, mulheres e crianças com trajos pitorescos, dirigem-se ao *bazar* — que assim se chama o mercado — no largo da vila, conduzindo cavalinhos carregados de espigas de milho. Outros conduzem cabritos, leitões e até cães. Ainda alguns exibem a batata de Bobonaro, o tabaco de Balibó, o feijão de Lolotoi, o amendoim, o arroz de Mape, branco de neve, o ananás, que cresce aos milhares também em Lolotoi, as bananas roxas ou da cor do ouro.

Quando eu estava admirando esse espectáculo de extraordinário colorido, atravessava uma chinesinha, dois palmos empertigados de gente, com o uniforme escotista e empunhando uma bandeirola de patrulha.

Sabendo a existência de escoteiros chineses em Díli, não me admirei de que os houvesse em Bobonaro, a cerca de cento e cinquenta quilómetros da capital. Em toda a nossa província, vivem alguns milhares de chineses. Não há posto, ainda o mais isolado e pobre, onde não haja a *cantina* — estabelecimento de comércio geral — pertencente a chineses.

No dia seguinte, fui visitar a escola deles, que habilita até ao primeiro ciclo liceal. Os chineses, em qualquer lado que se encontrem, mantêm um estabelecimento de ensino, pois é enorme, neste grande povo, a sua ânsia de progresso.

Recebido amàvelmente pelo professor,



Escoteiros chineses de Timor

Chang Man June, dentro em pouco declarei-lhe que havia sido escoteiro e continuava fiel ao preceito de Baden Powell, *escoteiro uma vez, escoteiro toda a vida*. Jovialmente, o professor ofereceu-me um folheto sobre a história do escotismo na China, e mostrou-me um exemplar do *Scouting for Boys*.

Em lugar de honra, ficavam as bandeiras de Portugal e da China, dois países amigos de tantos séculos.

Continuando os esclarecimentos, Chang Man June contou-me que o grupo, constituído pela totalidade dos alunos, compunha-se de 130 unidades, das quais 75 meninas; que a escola era dirigida pelo reitor Lucius Chang e assistida por uma comissão administrativa, a que presidia o comerciante Vong Tsi Nhap. Voltando-se para a pequenada, que se havia erguido quando eu chegara, arengou-lhes e, em momentos, como que impelidos por mola invisível, todos se perfilaram, fazendo a saudação, a que correspondi. Observei que os lobitos, ao contrário dos nossos — pelo menos, nos meus tempos — saudavam com os três dedos.

Na tarde desse mesmo dia, fui alvo de uma atenção inesperada. Bandeiras à frente, tambores e caixas rufando, rapazes e raparigas desfilarem em saudação, diante da residência do administrador da circunscrição, onde me encontrava instalado.

Pouco depois, dissolvido o desfile, o professor veio anunciar-me que, no dia seguinte, fariam um acampamento.

Claro está que não faltei. O local ficava a três quilómetros de Bobonaro, junto da estrada para Díli.

— Estamos perto da escola porque os pais não querem que os pequenos se afastem, — explicou Chang Man Jun.

Não se podia, em boa verdade, considerar um acampamento, pois não vi barracas nem qualquer material, à excepção de baldes de lona com que iam buscar água a um ribeirinho que ali serpentava. Seria, quando muito, uma simples e despretensiosa merenda ao ar livre...

Alguns faziam sinais com bandeirolas. Encostadas às casuarinas, viam-se os símbolos das patrulhas.

No alto duma pequena colina, coberta de relva e de pés de sisal, cravaram-se, além das bandeiras nacionais de Portugal e da China, três bandeiras escotistas que vou descrever. Uma apresentava uma faixa em diagonal de cor branca que ia do canto superior esquerdo ao inferior direito, com caracteres chineses de cor encarnada. O triângulo superior era vermelho enquanto que o inferior era verde.

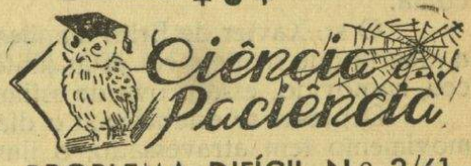
As outras bandeiras eram bipartidas horizontalmente. Uma, nas cores verde e branca; a outra, nas cores azul e branca. A primeira tinha, na parte superior, um trevo branco, e, na inferior, uma legenda a encarnado: GIRL SCOUTS OF CHINA — SCOUTS TROOP — BOBONARO No. 1. A segunda mostrava, na parte superior, uma flor-de-lis, e, na inferior, a legenda, também em letras encarnadas: BOY SCOUTS OF CHINA — SCOUTS TROOP — BOBONARO No. 1. A flor-de-lis era, também, de cor branca.

Um escoteiro, Lay Tchung Tong, cantou velha canção chinesa, *Em qualquer lado encontrar-te-ei*.

Onze horas. O sol esbraseante arrancava cintalações da estrada. Uma ligeira brisa fazia ondular, quase imperceptìvelmente, as bandeiras. Despedi-me do instrutor de escotismo e de Chang Man June, a quem agradeci todas as atenções. Ouviu-se um toque de clarim. Com o sorriso espelhado nos olhos, a rapaziada fazia a saudação a este escoteiro de outros tempos.

Pouco depois, o cenário desta pequena reunião de escoteiros ficava oculto numa volta do caminho.

MANUEL FERREIRA




## PROBLEMA DIFÍCIL N.º 3/61

### UM BELO PESO

Avalia-se o peso da Terra em 6 quatriliões de quilos. Se se elevasse sobre esta um muro circular com o volume total de 2 000 $m^3$ e sabendo-se que cada $dm^3$ de pedra pesa 2 kg. e que, para facilitar o cálculo, a argamassa necessária tem o mesmo peso da pedra, em que proporção o peso da Terra seria modificado?

## Solução do Problema n.º 2/61

A ração deve ser reduzida de um terço. Dispõe-se de $1500 \times 8 \times 30 = 360000$ diárias. Elas permitiriam alimentar 1800 homens durante $360000 : 1800 = 200$ dias; ora deve alimentá-los durante 10 meses ou seja 300 dias. A ração deve ser então de 200/300 ou 2/3.

Mandou-nos a solução e marca os 5 pontos a que tem direito o nosso estimado amigo António Amêndoa. Parabéns.

# A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

## visitou o Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado

No dia 8 do passado mês de Abril, a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal visitou o Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado. Esta notícia, para quem conhecer um pouco do historial do Escotismo na nossa Terra, tem um sabor muito especial, pois o ilustre oficial é uma figura, diríamos lendária, do nosso movimento, pois todos os rapazes dos grupos de escoteiros bem sabem que se trata do pioneiro dos Escotismo em terras portuguesas, fundador, como foi, do célebre grupo de escoteiros de Macau.



Xavier de Brito coloca a insígnia da Fraternal na lapela do entrevistado



Xavier de Brito, Ernesto Clímaco do Nascimento (de pé) e o Sr. Comandante Melo Machado

Xavier de Brito, Dr. Eugénio Ramos, Eduardo Quintino Pinheiro, Ernesto Nascimento, Félix Bragança e, como representante deste jornal, o seu redactor-principal Joel Ribeiro, foram os intervenientes, além do Com.te Melo Machado, desta sem dúvida histórica entrevista, que se realizou na residência do ilustre antigo dirigente escotista, em Benfica.

Recebidos com a maior cordialidade, os visitantes tiveram ensejo de trocar impressões sobre a situação do Escotismo em Portugal, não só na actualidade como nos chamados tempos heróicos do movimento. Os visitantes tiveram também o prazer de verificar a lucidez, a vivacidade e o bom humor de Melo Machado, não obstante os 78 anos de idade que conta.

O sr. Xavier de Brito manifestou, em nome de todos os presentes, a alegria que sentiam em estar junto do sr. Comandante, o qual agradeceu, comovido, essa prova de estima.

Depressa se estabeleceu o diálogo. Falando das dificuldades que o movimento tem atravessado, o ilustre hóspede afirmou que quase não compreendia como o Escotismo tinha podido resistir a tantas vicissitudes. Referiu a fé, a paciência e a perseverança que foi preciso revelar nos primórdios desta organização no nosso país, para arrostar com a incompreensão do meio.

—Lembro o Abílio, os Regos, o Salazar Leite, o meu colega Lopes Alves, hoje almirante, tudo gente aprumada e escoteiros de fina têmpera.

E continuando:

—Recordo-me que uma vez houve um grande sarilho, um problema muito sério. Foi num exercício na Outra Banda. Tínhamos montado um cabo vaivém para descer um monte. Um dos escoteiros, ao descer, desequilibrou-se, o que o fez bater com a cabeça numa pedra. O nosso serviço da cruz vermelha teve de entrar em acção. Os rapazes tremiam dos pés à cabeça. Nunca tinham visto tanto sangue. O sinistrado veio de maca para Lisboa. No barco, umas mulherzinhas murmuravam: «Coitadito, vai morrer». Tive de lhes gritar: «Não vai morrer, não senhoras!».

O comandante Melo Machado falou depois de uma das vantagens que observou no Escotismo: a fusão social. O movimento dava azo a que rapazes das mais elevadas esferas sociais privassem com outros das classes mais humildes.

—Quando foi a greve dos Correios — acrescentou — os escoteiros

*(Conclui na página 7)*




## FALECEU O GENERAL LEO BORGES FORTES

### Vítima de um desastre de aviação

Datada do Rio de Janeiro, em 24 de Março passado, recebemos uma carta do nosso dedicado amigo General Leo Borges Fortes, que abria com as seguintes palavras: «Estou de partida para Trindade e esta vai ser breve». E partiu, de facto, no dia 25, tomando o avião para Belém, mas este despenhou-se ao aterrar em Natal, morrendo todos os seus passageiros e tripulantes em número de cerca de 30. A trágica notícia só nos chegou em 7 deste mês por se ter extraviado uma carta do nosso bom amigo Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos, que nos enviava solìcitamente as notas biográficas do saudoso amigo. Esperamos receber uma nova biografia e fazer a sua publicação no próximo número.

O Leo, como familiarmente era conhecido nos meios escoteiros, dirigia-se a Trindade onde representaria a Repartição Internacional de Escotismo no II Jambori das Caraíbas, actividade à que nos referimos em Janeiro passado. Fazia projectos para nos visitar este ano por ocasião da Conferência Internacional e prontificava-se a cooperar nos Cursos da Insígnia de Madeira.

Foi uma perda lamentável. O General Fortes dedicara-se inteiramente ao Escotismo, deixando o serviço militar activo assim que atingiu o seu actual posto militar. Esteve em Portugal em 1950, demorando-se aqui algum tempo depois da Conferência realizada nessa altura. Passara novamente por Lisboa a caminho do Jambori do Jubileu, que se realizou em 1957, em Inglaterra. Tinha em Portugal muitos amigos; mantinha um constante interesse pelo Escotismo Português e colaborara já diversas vezes em "Sempre Pronto".

Ignoramos ainda se sua Esposa, companheira dedicada nas suas andanças escoteiras, o acompanhava também nesta derradeira viagem. Esperamos que não, e daqui lhe endereçamos a sincera expressão do nosso muito pesar, acompanhando-a na profunda dor que a atinge.




## Grupo n.º 91 — CANDAL (GAIA)

No dia 15 de Abril foi aberta ao público uma exposição de trabalhos manuais e recordações escoteiras na sede deste grupo, tendo-se realizado uma sessão solene a que presidiu o Sr. Comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais no Norte, secretariado pelos Srs. António Domingues de Almeida, da Junta de Freguesia de Santa Marinha; Rev. Dr. Daniel Pina Cabral, Rev. Venâncio de Oliveira e António de Almeida Barros.

Durante a semana, foram realizadas diversas actividades, exibição de filmes culturais e escotistas, um sarau musical dirigido pelo Sr. Marcos Morgado, e uma festa recreativa na qual o artista ilusionista Marfel apresentou um interessante programa.

No Domingo de manhã, na Igreja Lusitana do Candal, o Dia do Escoteiro foi comemorado com um serviço religioso a que assistiram muitos Escoteiros. A exposição escoteira, que após o culto recebeu muitos visitantes, foi encerrada nesse dia.

# UM POUCO DE HISTÓRIA

II

## LISBOA

### O CASTELO DE S. JORGE

Chama-se Castelo de S. Jorge o vasto recinto muralhado, também designado por Cidadela, que briga dentro dos seus muros a mais antiga freguesia de Lisboa, a de Santa Cruz do Castelo. Situado o canto noroeste deste recinto, um amplo reduto fortificado do qual se elevam dez altas torres, constitui o Castelo pròpriamente dito. É deste que vamos ocupar-nos mais pormenorizadamente.

Penetremos, pois, no Castelo, subamos ao eirado das suas altas torres coroadas de ameias e contemplemos extasiados o surpreendente quadro de luz e de cor que, em fortes pinceladas, Lisboa tão garridamente nos oferece. Algumas destas torres têm a elas ligados factos notáveis que deram origem aos nomes por que são conhecidas. Ocupemo-nos em primeiro lugar das três torres da frente sul do Castelo. A do centro, onde se erguem os mastros em que flutuam as bandeiras nacional, da cidade e legionária, designada por Torre Albarrã, tomou mais tarde o nome de Torre do Haver, ou do Tesouro, por ter servido de depósito do erário real. Uma velha tradição, referida por Estrabão, atribui ao herói grego Ulisses a fundação de Lisboa e, daí, o dizer-se que foi Ulisses quem mandou construir esta torre, por isso mesmo designada por Torre de Ulisses, nome por que, de facto, é mais conhecida. Nessa mesma torre, por ordem do rei D. Fernando I, se começaram a guardar os documentos do reino que constituíam o Arquivo Real que, mais tarde, passaram para a torre do canto sudoeste chamada Torre do Tombo, a qual se desmoronou por ocasião do terramoto de 1 de Novembro de 1755, tendo os documentos que se salvaram sido transferidos para o palácio de S. Bento, actual da Assembleia Nacional, onde, desde então, ficou instalado o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, cujo nome deriva da dita torre. Resta-nos agora a terceira e última torre da frente sul, que se ergue no canto sueste, esta chamada do Observatório por nela ter sido instalado em 1779 o primeiro observatório astronómico que houve em Lisboa. É também esta considerada a Torre de Menagem do Castelo.

Passemos agora à Torre da Cisterna, situada no canto nordeste, no eirado da qual se apresenta a boca de uma cisterna, origem do seu nome.

Do lado ocidental, uma torre como a querer precipitar-se no Largo Martim Moniz, destacando-se das muralhas do Castelo por uma extensa escadaria, é chamada Torre de S. Lourenço e dela partia um lanço da Muralha de D. Fernando, de que, mais adiante, nos ocuparemos.

Partindo da Torre de Ulisses, passando e prolongando-se em frente dos muros pelos lados oriental e norte do exterior da fortaleza, nota-se, junto ao fosso, uma forte muralha eriçada de ameias e na qual se abrem numerosas seteiras. Mais baixa que as torres, chama-se esta muralha a Barbacã. O objectivo da sua construção era o de defender as torres das frentes oriental e norte do Castelo, então mais vulneráveis ao tempo em que este desempenhava o seu papel militar.

No muro da frente norte do Castelo, fica a célebre Porta de Martim Moniz, sobre a qual um busto do herói e uma placa evocam o feito por ele praticado deixando-se morrer entalado nessa porta e franqueando assim a passagem aos seus companheiros de armas, conhecido episódio da época da conquista de Lisboa em 1147 por D. Afonso Henriques.

Ignora-se quem foram os construtores desta notável fortaleza, porém, a analogia com construções semelhantes edificadas pelos Mouros e seguindo remota tradição atribui a estes a sua construção. Designado por isso Castelo dos Mouros, durante muitos anos, passou a chamar-se Castelo de S. Jorge quando, por determinação do rei D. João I, S. Jorge foi erigido padroeiro de Portugal e do Castelo de Lisboa.

Outros factos relacionados com o Castelo de S. Jorge serão evocados no próximo artigo.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

* ● *

## IMPRENSA ESCOTEIRA

### VOZ SCOUT

Os nossos dedicados amigos do «Clan Lobo Gris» voltaram a publicar o seu interessante boletim «Voz Scout», tendo saído já os números referentes a Janeiro e Fevereiro deste ano, o que constitui uma magnífica manifestação da sua fé e tenacidade.

No mês de Fevereiro, tiveram a amabilidade de fazer o seguinte registo: *"Sempre Pronto*, o periódico da Associação dos Escoteiros de Portugal, acaba de cumprir o XVI aniversário de sua publicação. Sem ter mudado a sua equipa de Direcção e contando com escassos recursos, o facto constitui uma autêntica proeza.

Agradecemos a referência simpática e saudamos os nossos companheiros daquele Clã.

## FILATELIA

### «DIÁRIO DE LISBOA»

A secção «FILATELIA» deste vespertino, dirigida pelo Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, teve a gentileza de registar, em 9 de Abril passado, o início da nossa secção filatélica, o que agradecemos.

### ALEMANHA OCIDENTAL

Por ocasião do dia de S. Jorge, patrono dos Escoteiros (23 de Abril) foi emitido um selo que mostra S. Jorge, a cavalo, abatendo o dragão. O selo, do valor de 10 Pf. verde, foi desenhado pelo prof. Eduardo Ege, de Munique e gravado por Harald Braband, de Berlim. Impressões em talha doce pela tipografia federal de Berlim, com a tiragem de 30 milhões.

### II EXPOSIÇÃO FILATÉLICA ESCOTEIRA

A Secção Filatélica da Fraternal tem prosseguido no estudo da organização desta iniciativa, tendo já deliberado a sua realização em Setembro, por ocasião da Conferência Internacional de Escotismo, dando-lhe toda a amplitude e expansão que seja possível. Para o efeito, vai ser solicitada uma sala apropriada ao fim em vista.

Deram já a sua adesão diversos filatelistas e foram recebidas e apreciadas cartas dos companheiros Chefe José Manuel Pereira e Humberto Gomes de Freitas, que transmitiram interessantes sugestões.

Foi ainda resolvido emitir nessa altura um sobrescrito e uma vinheta da Fraternal, trabalho de que se encarregou o nosso companheiro e distinto artista Humberto Martins.

Vai ser estudado o Regulamento da Exposição, mas está já assente que será aceite com prazer a cooperação não só de todos os Escoteiros, mas também de elementos filatelistas alheios ao Escotismo.

Qualquer adesão, esclarecimento ou alvitre poderá ser dirigido à redacção do «Sempre Pronto» ou, todas as segundas-feiras, das 21.30 às 23 horas, à sede da Fraternal, Rua de S. Paulo, 254 - 1.º, Lisboa 2, telef. 2 13 53.

● ● ○ ● ●

## DE OEIRAS

### GRUPO N.º 12

Este grupo, anexo à Obra Social da Fundição de Oeiras, comemorou no sábado, dia 22, o Dia do Escoteiro, com uma sessão a que presidiu o Sr. Augusto Henriques Branco, presidente daquela instituição; ladeado pelo Sr. Fernando Mântua, director da mesma; pelo Chefe do Grupo 12 e outros dirigentes escoteiros.

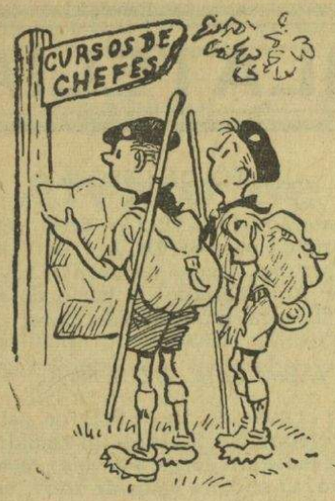
A sessão foi aberta pelo Sr. Mântua que falou acerca do significado de S. Jorge para os Escoteiros, sublinhando os deveres dos Escoteiros para com a sociedade.

A Banda daquela Obra executou primorosamente alguns números musicais, escutados com interesse. O Grupo cénico da mesma Obra, de colaboração com os escoteiros, apresentou um agradável número de teatro e um acto de variedades, que recebeu fortes aplausos da assistência.

No final foi servido aos escoteiros e aos artistas um lanche oferecido pela Administração da Fundição de Oeiras. — *A. I.*

* ● *

**Este número foi visado pela Comissão de Censura**




No nosso Movimento procura treinar-se o rapaz de modo que saiba actuar melhor em todas as circunstâncias da vida. Para um treino real e eficiente só há um caminho: Deixar o rapaz fazer tudo o que possa desenvolver a sua capacidade de actuação à custa das suas acções presentes, como preparação para o futuro.

Se tal necessidade se verifica em relação ao rapaz, com mais forte razão se verificará em relação aos chefes.

Não se pode conceber que um chefe não se aperfeiçoe e não se treine, sempre e cada vez mais, na aplicação dos muitos e tão variados campos, métodos e particularidades do Escotismo.

A formação de novos chefes, bem capacitados do que é Escotismo e como ele se deve aplicar, é tarefa que normalmente não é atingida através dos próprios grupos. Por isso se faz sentir a necessidade de os formar ou de completar a sua formação básica com um treino mais intensivo, especializado e orientado no sentido dessa nova futura função e de mais completa visão da aplicação dos métodos escotistas, ao mesmo tempo que se lhes aumenta as possibilidades próprias como elementos activos na sociedade em que vivem.

A formação e treino de Chefes preocupa os dirigentes de todo o mundo e a sua falta é um dos principais óbices ao desenvolvimento e aplicação correcta do Escotismo. Só com a formação de um novo escol de Chefes de Grupo e mais dirigentes se poderá esperar uma melhoria efectiva das condições de vida do nosso Escotismo.

Têm-se realizado Escolas para Chefes da A. E. P. e algumas ficaram célebres pelo alto nível de que se revestiram ou pelo escol de dirigentes que formaram, alguns dos quais são hoje pessoas de destaque na vida nacional, e ainda pelas esperanças que nelas se depositou. Queremos lembrar aqui a inclusão de uma cadeira sobre Escotismo que durante anos deu conhecimentos da matéria aos alunos que frequentaram a Escola Superior de Educação Física, que funcionou na Sociedade de Geografia de Lisboa e foi antecessora do INEF.

## TEMAS PARA CHEFES

# O Adestramento,

## base de um melhor Escotismo

No momento presente, porém, muito há que fazer neste campo, pois é grande a falta de chefes. Chefes que possam ajudar os actuais, substituir aqueles que já têm o direito e a honra de passar a outros sectores da vida associativa, ou que possam assumir a chefia de novos grupos.

Já B.-P. reconhecia a necessidade da formação de dirigentes e, por isso, estabeleceu as bases dum sistema progressivo de treino. Tal sistema constitui a base do que actualmente se designa por «Esquema de Treino da Insígnia de Madeira». Este sistema não foi ainda aplicado na A. E. P., embora alguns elementos, não muitos, tenham frequentado ou prestado provas em Cursos de Gilwell Park, centro internacional de treino de Chefes, oficialmente reconhecido pelas Conferências Internacionais de Escotismo.

Aproveitando a existência de dirigentes habilitados por Gilwell Park, resolveu a Direcção Central adoptar esse Esquema e solicitar à Repartição Internacional de Escotismo o seu reconhecimento na A. E. P. Dentro desta linha de acção foi decidido levar imediatamente a efeito a realização de vários Cursos de Explanação e dum Curso Preliminar de Treino, este como primeira preparação para um Curso de Insígnia de Madeira, que se pensa, também, promover ainda este ano.

Espera-se, pois, que todos os dirigentes, chefes e escoteiros dêem a sua máxima contribuição, inscrevendo-se ou levando ao conhecimento doutros a realização dos cursos, conforme programa que irá sendo publicado.

No referente à realização de Cursos de Explanação em agremiações ou locais onde haja possibilidade de recrutar candidatos aos Cursos Preliminares, espera-se que todos os dirigentes e chefes dêem a conhecer tais factos aos Chefes dos Serviços de Adestramento dos Serviços Centrais o mais ràpidamente possível.

NOBRE SANTOS

# CASAMENTO

Na Igreja Presbiteriana da Rua Febo Moniz, realizou-se, no passado dia 16 de Abril, o auspicioso enlace da Sr.ª D. Mariana Estenaga Saragoça, filha do Sr. António José Saragoça e da Sr. D. Francisca Estenaga Pacheco, com o nosso querido amigo José Eduardo Pena Ribeiro, Chefe Regional-Adjunto e filho do nosso Director e da Chefe de Guias Sr.ª D. Júlia Pena Ribeiro.

À cerimónia presidiu o Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, que dirigiu aos noivos uma cativante mensagem sobre os sagrados deveres do matrimónio.



Os noivos à saída da igreja

Foram padrinhos, pela noiva, seus pais; e da parte do noivo seus tios, Sr.ª D. Noémia Ribeiro Carreiras e seu esposo, o nosso dedicado assinante Sr. Francisco José Azedo Carreiras.

À saída do templo, os noivos eram aguardados por escoteiros do Grupo n.º 94 que, varas ao alto, lhes prestaram a característica Guarda de Honra.

Num dos salões da Casa do Alentejo foi depois servido um requintado «copo de água». Aos brindes falaram os srs. Prof. Aníbal Ramos, Capitolino Macedo e Eduardo Quintino.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto», felicitam efusivamente o Seu Director e Esposa, desejando para os noivos as maiores venturas e que o novo Lar possa ser mais um centro irradiante do ideal escoteiro, de que seus pais são o mais vivo exemplo. — *M. G.*

# O SERVIÇO DOS CORREIOS

Ao contrário do que anteriormente acontecia, estão chegando ao nosso conhecimento diversas reclamações acerca da má distribuição de «Sempre Pronto», queixando-se alguns dos nossos assinantes de Lisboa que nem sempre lhes é entregue o jornal.

Como os nossos estimados leitores sabem, a distribuição em Lisboa é feita através do "Serviço de Assinantes„ dos C. T. T., modalidade que oferece inegáveis vantagens, e constituía um bom serviço dos C. T. T. Recomendamos a conveniência de reclamar ao correio da área sempre que falte algum jornal. No entanto, dadas as deficiências que se estão agora a notar, pedimos a todos os nossos assinantes o especial favor de nos darem a conhecer qualquer falta de recebimento do «Sempre Pronto» a fim de documentarmos uma reclamação aos C. T. T.

# Balanço do Carnaval Carioca

*A notícia foi publicada na Imprensa sem quaisquer comentários. De facto, os números são tão elucidativos que os dispensam: 14 homicídios; 138 atropelamentos; 3 suicídios; 219 quedas; 262 agressões; 35 «habeas-corpus»; 255 conflitos; 91 assaltos; 53 incêndios e 71 colisões.*

*Estes são os números que a polícia registou. Os casos mais graves, porém, daquela orgia carnavalesca não podem ser registados na estatística policial, mas nem por isso deixarão de ter a mais profunda e grave repercussão no carácter de um povo que durante três dias esquece tudo o que seja pudor e dignidade.*

*Os números acima são, porém, bem esclarecedores. Deviam ponderar neles os que sonham com um carnaval estilo carioca em Portugal.*

## COMANDANTE ÁLVARO DE MELO MACHADO

*(Conclusão da página 4)*

de todos os níveis sociais desempenharam o serviço de boletineiros regis-avam correspondência, etc., e, caso curioso, nenhum telegrama deixou de er entregue. Os rapazes das melhores famílias furtavam-se a ir distribuir elegramas porque era perigoso. Dois dias mais tarde, quando iam tomar a refeição à Rua de S. Julião, observei que os mais educados não se jun-avam aos rapazes mais humildes, porque, diziam, à mesa estes deitavam os caroços para o chão. Fui obrigado a dizer-lhes que, apesar do defeito de não saberem estar sentados a uma mesa, esses rapazes tinham virtu-des que eles próprios não possuíam: eram corajosos. Ensinei aos mais humildes que não deviam deitar os caroços para o chão. Enquanto estes iam aprendendo a forma de se conduzir, os outros aprendiam a ser mais ousados no serviço do próximo.

O fundador do Escotismo referiu-se ao prejuízo que representou o aparecimento dos adueiros, organização que se confundia com o esco-tismo mas que não era norteada pelos elevados princípios que o nosso movimento revelava. E disse:

—Eles não tinham dirigentes à altura e dirigente não pode ser qualquer pessoa.

—Lancei mão do escotismo — continuou — porque vi que era de facto um movimento capaz de formar rapazes e torná-los aptos a ser elementos de boa influência na sociedade.

Alguns dos presentes lembraram ao Comandante Melo Machado quanto seria de interesse para os escoteiros de hoje que, numa actividade da Região, se dignasse dar o prazer da sua presença.

—Já estou muito velho — desculpou-se o ilustre oficial, — já tenho 78 anos!

No entanto, não deixou de ser considerada a hipótese do sr. Co-mandante poder comparecer numa dessas reuniões do escotismo.

Foi então que a Direcção da Fraternal ofereceu ao fundador do Escotismo em Portugal um emblema dessa organização, gesto que muito sensibilizou o contemplado, que a propósito afirmou:

—Eu tenho o maior prazer em estar com vocês, porque todos são afinal meus filhos. Eu fiz pelos escoteiros o que não fiz pelos meus pró-prios filhos.

Relatou que, há tempos, tendo tomado um táxi, verificou, no fim da viagem, que não tinha dinheiro. O motorista voltou-se para o sr. Co-mandante e disse-lhe: «Não faz mal, eu fui seu escoteiro».

Quando os visitantes se despediam do fundador do histórico grupo de Macau, este ainda manifestou, uma vez mais, a sua simpatia para com os presentes:

—Sinto-me muito satisfeito com esta visita. Apesar de me estar a rir, cá por dentro estou comovido.

E num ambiente de saudável respeito e carinho pelo ilustre ancião que, uma vez, meteu ombros à meritória tarefa de experimentar o movi-mento educativo do escotismo na nossa terra, terminou esta visita que, sem favor, repetimos, tem um carácter muito especial, que lhe pode dar a classificação de histórica.

J. R.

## Porque não se cria a Direcção Regional do Algarve?

O Algarve foi uma das provín-cias de Portugal onde o Escotismo teve maior difusão. Ainda ali se encontram alguns bons grupos de escoteiros e outros estão carecendo de forte apoio e estímulo. Verifica-se a necessidade de um organismo que patrocine o Movimento nas di-versas localidades algarvias, já que a tarefa é demasiadamente pesada para uma única pessoa.

A constituição da Direcção Re-gional do Centro, de harmonia com o Regulamento Geral da A. E. P., abriu interessantes perspectivas para o Escotismo em Lisboa e arre-dores, notando-se já uma orienta-ção activa e cheia de esperanças para o Movimento. Tudo nos leva a crer que através de uma unida colaboração entre os dirigentes re-gionais, presididos pelo Sr. Prof. Aníbal Ramos, a Região Centro vai conhecer uma época de boa orientação, organização e conse-quente progresso.

Parece-nos que no Algarve se poderiam obter os mesmos resulta-dos se se constituísse a Direcção Regional. O Delegado dos Servi-ços Centrais, Sr. João Lobo Miran-da Trigueiros, é o espírito organi-zador capaz de promover e reali-zar eficientemente esta iniciativa. Com base nela, poderia, depois, promover-se a difusão dos Escotei-ros de Portugal pelas cidades onde foi já florescente, ao mesmo tempo que se insuflaria vida nova aos grupos menos activos. Aqui fica a sugestão que é, ao mesmo tempo, um apelo que, estamos certos, será secundado por todos os dedicados Escoteiros do Algarve.

Daqui saudamos o Escoteiro--Chefe Trigueiros, na certeza de que o Movimento lhe ficará a dever mais este serviço.

## CURSOS PREPARATÓRIOS DE CHEFES

Com o patrocínio da Região Centro realizou-se no passado dia 13 de Abril, no Ateneu Comercial de Lisboa, a primeira sessão de explanação do Curso Preparató-rio de Chefes, que a A. E. P. pensa levar a efeito sob a direcção dos Escoteiros Chefes Diplomados com a «Insígnia de Madeira» srs. Eng.º José Maria Nobre dos Santos e José Eduardo Pena Ribeiro.

A sessão teve larga assistência, notan-do-se, todavia, uma maioria de adultos para quem o Curso nada aproveita.

Presidiu o sr. Prof. Aníbal Ramos, Pre-sidente da Direcção da Região Centro, la-deado pelo Presidente da Direcção da Fra-ternal e pelo Secretário Regional, respecti-vamente os srs. Dr. Eugénio Ramos e Duarte Mendonça.

Ao iniciar a sessão, o sr. Prof. Aníbal Ramos teve palavras de agradecimento para a assistência e para a Direcção da Associa-ção pela realização do Curso, e de estímulo para os dois dirigentes, pedindo para estes a maior colaboração e apoio de todos quantos desejam ver resolvido o grave pro-blema de chefes que atormenta o Movimento.

A seguir, o sr. Eng.º Nobre Santos, nu-ma análise das bases fundamentais do mo-vimento escoteiro, expôs detalhadamente o programa que orientará o Curso Prepara-tório de Chefes.

O Chefe Pena Ribeiro falou também, numa singela mas contagiante mensagem de jovem para jovens.

A terminar, foram projectados um pe-queno filme e diapositivos, com imagens magníficas que nos mostraram significativa-mente como decorre um Curso da «Insígnia de Madeira» em Gilwell Park.

Não queremos deixar de assinalar o bom critério dos organizadores da sessão ao escolherem para o efeito uma das salas do Ateneu, proporcionando assim a alguns jovens alunos daquela colectividade amiga um contacto, embora ligeiro e inesperado, com o Escotismo. Eis em nosso entender, uma indicação que não deve ser desprezada em futuras organizações do mesmo carácter.

M. G.

## ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

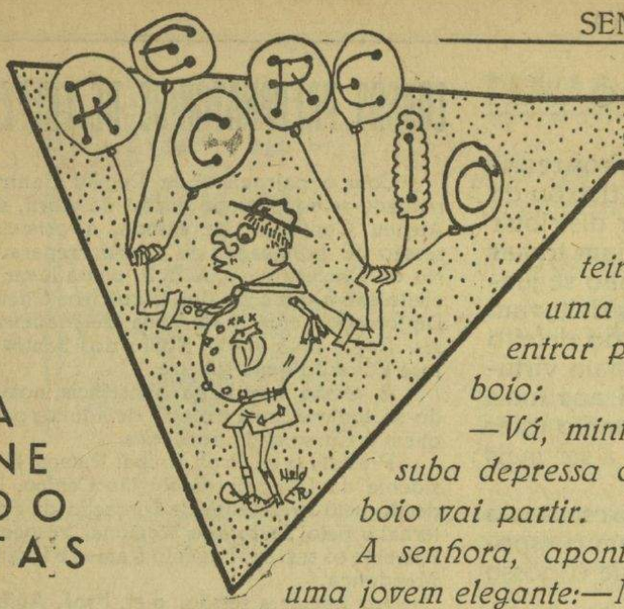
### Grupo n.º 6 — OLHÃO

No dia 16 de Abril passado, no Mato Joinal, efectuou este grupo um animado bi-vaque, no qual foi executado um programa de ginástica, jogos, exercícios escoteiros e uma pequena tertúlia. — *C.*

### Grupo n.º 60 — VILA R. S. ANTÓNIO

Os componentes do Grupo n.º 60, co-memoraram o Dia do Escoteiro. Às 8 horas, com o efectivo formado, procedeu-se ao hastear da bandeira do Grupo no edifício da sede, após o que se realizou uma sessão para entrega dos prémios do «Concurso Anual de S. Jorge» aos escoteiros que mais se distinguiram por actos de altruísmo. Fo-ram contemplados o guia José Augusto Silva Nascimento, os escoteiros António Mário Ribeiro e José da Silva Sofá e o sub-guia Manuel Joaquim Neto Gomes, tendo o chefe do Grupo feito uma prédica sobre o significado da data e do Concurso.

A seguir a Patrulha «Poupa» recebeu os prémios ganhos no «Concurso Escalpe de Ouro» em que se classificou em 1.º lugar, cabendo-lhe o «Grande Escalpe de Ouro», uma biblioteca escoteira, uma medalha co-memorativa para cada escoteiro e uma barraca canadiana. Os membros daquela Patrulha realizaram depois um curto exer-cício nas proximidades da mata. — *C.*




## ANEDOTAS

*O escoteiro ajudando uma senhora a entrar para o comboio:*

*—Vá, minha senhora, suba depressa que o comboio vai partir.*

*A senhora, apontando para uma jovem elegante:—Mas eu queria dar um beijo à minha filha...*

*O escoteiro:— Entre, entre, que eu já me encarrego disso.*

# "os soluços"

Para combater este incomodativo espasmo nervoso dão-se muitas sugestões, que mais ou menos acertam mas, eis aqui uma (?) que é dada como infalível:

Inspire lentamente contraindo os músculos abdominais durante 20 a 30 segundos (ou mais se o puder). Expire e torne a inspirar até pararem os soluços, o que sucede por vezes à segunda inspiração... mas, se mesmo assim não pararem, engula ràpidamente a seco uma colher das de café cheia de açúcar (só o açúcar, claro)... mas se mesmo assim não pararem, tape as duas orelhas fortemente com os dedos e peça a alguém que lhe dê a beber qualquer líquido... mas se mesmo assim não pararem, introduza uma pitada de sal no fundo da boca e... se assim não pararem ou espere que eles acabem ou mate-se ou esfole-se... (hip)... (hip)... já estou com soluços...

*«Javali cheio de soluços»*

## Concurso Relâmpago

Acertaram em todos os resultados os escoteiros Rui Horácio Filipe Macedo e Augusto José Oliveira Castro.

A estes dois amigos enviamos os nossos parabéns e respectivos prémios.

SOLUÇÃO

| | |
|---|---|
| Sistema de Patrulhas | — Rolland Fhilisp |
| Presidente da A.E.P. | — Dr. Sá Oliveira |
| Chefe Geral da A.F.P. | — Álvaro Melo Machado |
| Manual do Lobito | — Baden-Powell |
| Dir. do «Sempre Pronto» | — Eduardo Ribeiro |

Agradecemos os cumprimentos da Páscoa do Escoteiro Jorge Gaspar.

## TRAÇOS POR LETRAS

```
C - - - - -
- A -
- - M - - -
- - - I - - - -
        N - - - - -
          H - - - - - - - -
- - - - - E - - -
      - - - - I - - -
          - - - R - -
                - O - - - -
```

Substituindo os traços por letras encontrarão nomes de alguns escritores portgueses

## SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

**Palavras Trocadas:** 1 — assa — aSas. 2 — doce — cEdo. 3 — ramo — aMar. 4 — sopa — aPós. 5 — caro — aRco. 6 — meta — tEma. 7 — sapo — aPós. 8 — rica — cRia. 9 — loca — cOla. 10 — dona — aNdo. 11 — rata — aTar. 12 — caço — cOça. Na 2.ª coluna do 2.º Grupo encontrava-se «Sempre Pronto».

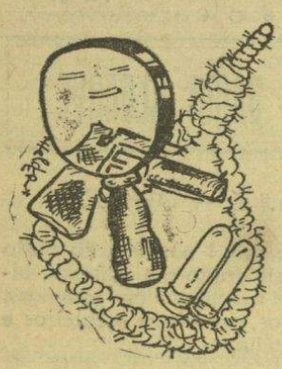
**Traços por Letras:** Lima; Cávado; Zambeze; Mira; Tejo; Mondego.

**Problema Policial:** O «Inspector Z» deu voz de prisão a F. Cabrita, viúvo da vítima, porque ele aludiu a envenenamento na frase: "Não deixem que o veneno a mate..., sem que os médicos legistas ainda tivessem analisado a causa da morte, indicando assim que fora ele o assassino.

### SOLUÇÕES

*ACERTARAM?: O Sr. Fala-Só é filho*
*CHARADAS COMBINADAS: «Escoteiro»*

## POLICIAL N.º 4 PROBLEMA



### «O caso da impostora»

Amigos escoteiros: tenho imenso gosto em vos contar as minhas aventuras, mas de facto acredito que vocês também sabem algumas das minhas aventuras ou seja, casos policiais em que o Inspector Z seja o principal personagem; se não sabem basta um poucochinho de imaginação, uma caneta e mandem para o «Sempre Pronto». Os melhores "casos„ serão publicados com o nome do autor e talvez tenham um prémio, o que por agora é mistério.

* * *

Quando o Inspector Z passou por uma das portas da praça de Algés ouviu qualquer coisa que o fez parar, olhou para o interior da praça e dirigiu-se para ali.

Lá dentro estava perto de uma dúzia de pessoas que assistiam a uma luta entre duas mulheres, uma das quais, a mais forte, estava em vantagem, pois a outra, muito mais magra, já estava a sangrar do nariz. Um pouco antes de o Inspector chegar junto do grupo, um polícia fez as mulheres separarem-se e fazia perguntas sobre as causas da luta.

A mulher mais forte das duas contendoras tentou explicar ao polícia: — Veja lá que esta «reles» levou-me duas dúzias de ovos, que vendi por 18$00; levou uma galinha por 50$00 e um coelho por 35$00. Pois no fim foi-se embora sem me dar um tostão.

A outra mulher, que com o lenço aconchegava o nariz ainda sangrando, respondeu: — É mentira! Tanto que ela há-de ter aí uma nota de cem escudos que eu lhe dei.

—Era melhor, depois do dia todo queria que eu não tivesse dinheiro nenhum, não? — retorquiu a vendedeira que continuou — e até porque a conta não era de cem escudos.

—Pois não, respondeu a outra, mas como sobrava pouco dava-lho de gorgeta, por isso não recebi o troco.

O polícia não sabia que fazer e estava deveras embaraçado. O «Inspector Z», vendo isso, apontou para uma das mulheres e disse: Prenda-a como impostora, sr. guarda.

Qual foi? E porquê?

## Charadas Combinadas

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1.ª | — + tar | = | ser |
| 2.ª | — + lmeia | = | enxame |
| 3.ª | — + lefone | = | Invento |
| 4.ª | — + mão | = | parente |
| 5.ª | — + ssada | = | destroços |

Nome dum membro dum movimento juvenil

*(Ver solução nesta página)*

## ACERTARAM?

O Sr. Fala-Só que se encontrou um dia com um seu velho amigo ficou a pensar quando ele lhe perguntou:

—Que é você à sogra da mulher do pai de seu sobrinho?

—E o Sr. Fala-Só pensou... tornou a pensar e ainda lá está a pensar... E vocês acertaram?

*(Resposta nesta página)*